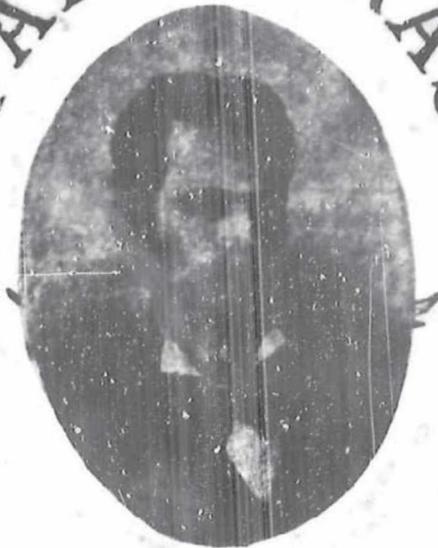


TH. DIAS

---

FANFARRAS



Editor

DOLIVAES NUNES  
18, Rua do Imperador,  
S. PAULO

1882

I

FLORES FUNESTAS

## ASPIRAÇÃO

---

## ASPIRAÇÃO

No espaço, em cada ser, que um centro atraia e prenda,  
Ha sempre o despontar de uma aza, que o suspenda.  
Ascender! ascender! — dizem todas as cousas,  
As estrellas nos céus, os vermes sob as louzas.  
E' o hymno, que tudo, em soffregos suspiros,  
Canta :—fervida a fonte, em sinuosos giros,  
Sobre pedras quebrando o trepido carinho,  
A ave, inquieta e meiga, em volta do seu ninho,  
O ninho sob o ramo, o ramo sob as flôres,  
As flôres no perfume,—e a gruta nos vapores  
Que em frouxas espiraes ás amplidões alteia.  
A vida não se esgota, e vae perpetuamente  
Do esboço ás perfeições, harmonica, ascendente.

O immovel não existe. A floresta pompeia  
O luxo exuberante, a gala festival,  
A verdura febril, do mundo vegetal.  
Fixo? Não. Eil-o em flôr;— e em extasis secretos  
Dispersa-se em aroma, e vôa nos insectos.  
Enfim, por toda a parte ha intimos palpites,  
Impetos de romper barreiras e limites.

Fatal gravitação tolha-me embora os pés  
Hei de tambem subir dos mundos atravez,  
Hei de tambem transpôr os tempos e os espaços,  
Na esperança de além colher-te nos meus braços,  
A ti, que és para mim a força ascencional.  
Oh Gloria! — a aspiração! o porvir! o ideal!

## A MATILHA

Pendente a lingua rubra, os sentidos attentos,  
Inquieta, rastejando os vestigios sangrentos,  
A matilha feroz persegue enfurecida,  
Allucinadamente, a presa mal ferida.

Um, afitando o olhar, sonda a escura folhagem ;  
Outro consulta o vento ; outro sorve a bafagem,  
O fresco, vivo odor, callido, penetrante,  
Que, na rapida fuga, a victima arquejante  
Vae deixando no ar, perfido e traiçoeiro ;  
Todos, n'um turbilhão phantastico, ligeiro,

Ora, em vortice, aqui se agrupam, rodam, giram,  
E, cheios de furor frenetico, respiram,  
Ora, cégos de raiva, afastados, dispersos,  
Arrojam-se a correr. Vão por trilhos diversos,  
Esbrazeando o olhar, dilatando as narinas.  
Transpõem n'um momento os valles e as collinas,  
Sóbem aos alcantás, descem pelas encostas,  
Recruzam-se febrís em direcções oppostas,  
Té que da presa, enfim, nos musculos cansados  
Cravam com avidez os dentes afiados.

Não de outro modo, assim meus sofregos desejos,  
Em matilha voraz de allucinados beijos,  
Percorrem-te o primor ás languerosas linhas,  
As curvas juvenís, onde a volupia aninhas,  
Frescas ondulações de formas florescentes  
Que o teu contorno imprime ás roupas eloquentes:  
O dôrso avelludado, electrico, felino,  
Que poreja um vapor aromatico e fino ;  
O cabello revoltó em anneis perfumados,  
Em fofos turbilhões, elasticos, pesados ;

---

As fibrilhas subtis dos lindos braços brancos,  
Feitos para apertar em nervosos arrancos ;  
A exacta correcção das azuladas veias,  
Que palpitam, de fogo entumecidas, cheias,  
— Tudo a matilha audaz perlustra, corre, aspira,  
Sonda, esquadrinha, explora, e anhelante respira,  
Até que, finalmente, embriagada, louca,  
Vae encontrar a preza, — o gozo — em tua boca.

## PASSEIO MATINAL

Hontem pela manhã, do jardim atravez,  
Eu te escutava o passo, o hymno de teus pés,  
Que, perfumando a relva, e inebriando os trilhos,  
Como unicos signaes, deixavam os rastilhos  
De uma essencia subtil, de uma fragrancia rara,  
Que jámais perfumista em vidros encerrára;  
Cheia de uma attracção ineffavel, discreta,  
Mais grata do que o fino extracto da violeta;  
Um incenso, á que a arte, apurando os seus meios,  
Aos vegetaes sondando os mysteriosos veios,  
Abrindo, interpretando as almas rescendentes  
Que enchem os corações das flôres eloquentes,

Jámais descobrirá. — E que magia acaso  
Póde surprehender, encarcerar n'um vaso,  
Esse fluido fugaz, fatuo, vivo, ideal,  
Da nuvem que te envolve o corpo sem rival?

Ao sentir-te passar, fundia-se a alvorada,  
Derretida em clarões radiosos, — despenhada  
Em avalanches de ouro, em rios de carmin  
Sobre leitos azues; — e atravez do setim  
Do nevoeiro molle, adelgaçado, escasso,  
Multiplicando a fórma, a luz, ferindo o espaço,  
Rôta em fitas de fogo, em largas refraçções,  
Brilhava, semelhando um bando de pavões  
Que abrisse em vasto plaino as rodas cambiantes  
Dos leques festivaes das caudas deslumbrantes.  
Vacillavam, ao longe, as florestas em flôr,  
Ebrias de luz e sombra e confuso rumor.  
Gorgeiavam, ao ver-te, os murmuros caminhos,  
Das folhas no bulir, na voz dos passarinhos.  
A natureza arfava, em fremitos suaves.  
Sussurrava, brilhando, o azul, florido de aves.

Tudo, em torno de nós, n'um extase suspenso,  
Parecia sorver, n'um hausto longo, o incenso  
Que exhalavas, passando, em callidos vapores.  
N'um espasmo de gosto, o espirito das flôres,  
Fremente, mal retinha o halito incendiado.  
E, então, julguei ouvir, bem distincto no ouvido,  
Uma, que a todas mais sobre-excedia em graça,  
Murmurejar: « Silencio ! é nossa irmã que passa ! »

---

## A NUVEM

Sulcas o ar de um rastro perfumoso  
Que os nervos me alvoroça e tantalisa,  
Quando o teu corpo musical deslisa  
Ao hymno do teu passo harmonioso.

A pressão do teu labio saboroso  
Vérte-me na alma um vinho que electrisa,  
Que os musculos me embebe, e os nectarisa,  
E afrouxa-os, n'um deliquio languoroso.

E quando junto a mim passas, creança,  
Revólta a crespá, luxuosa trança,  
Na espadua arfando em turbidos negrúmes,

Naufraga-me a razão em sombra densa,  
Como si houvera sobre mim suspensa  
Uma nuvem de callidos perfumes!

---

## ESPHINGE

Tuas pupillas alaga  
Não sei que acérba ternura,  
Cuja luz cruel me affaga,  
Cujo affago me tortura.

Unge-te o seio moreno  
Um perfume suffocante,  
Suave como um calmante,  
Perfido como um veneno.

Freme-te a alma fatal  
No fragil corpo nervoso,  
Como um philtro perigoso  
N'uma prisão de crystal.

Para estancar os desejos,  
Que teu sangue tantalisam,  
Teus labios prodigalisam  
Dentadas por entre beijos.

Com sarcasmos me apunhalas;  
Depois, as feridas crúas  
Ameigas com a luz que exhalas  
Dos teus olhos, — negras luas.

Tua palavra me é dura,  
Ás vezes, pelo sentido,  
E doce pela brandura  
Com que me trina no ouvido.

Ha uma alma que suspira  
Em cada ponto do espaço  
Quando caminhas: teu passo  
Murmura como uma lyra.

---

No movimento discreto  
Revelas, por entre as gazes,  
Todo um poema correcto  
Escrepto em versos sem phrases.

Os teus lenções apaixonas  
Com a gentileza, que apuras  
Nas languorosas posturas  
Em que o teu corpo abandonas.

Dos primores, de que és feita,  
A nenhum dou primazia:  
É do conjuncto a harmonia  
Que os meus sentidos sujeita.

E eu te amo, belleza fatua,  
Minha perpetua loucura,  
Como o verme a flôr mais pura,  
E o musgo a mais bella estatua'

## O ELIXIR

Enlanguece-te a voz, sonora e rica,  
Um sympathico timbre insidioso,  
Que em meu ouvido, em fremito nervoso,  
O vário acórde grava e multiplica.

No sôpro molle, tepido, me fica  
Suspensa a alma, em pasmo delectoso,  
Como a ave do ninho harmonioso  
Que a tua voz no halito edifica.

Quando lhe escuto a musica enervante  
Abate-me um torpôr morbido, quente,  
Que me intúmece o sangue palpitante.

É que ella exhala o fluido dissolvente  
Do funesto elixir inebriante  
Que te ameiça e embalsama o labio ardente.

---

## OS SEIOS

Como serpente arquejante  
Se enrosca em fervida areia,  
Meu avido olhar se enleia  
No teu collo deslumbrante.

Quando o descobres, no ar  
Morno calor se dissolve  
Do aroma, em que elle se envolve,  
Como em neblina o luar.

Si ao corpo te enrosco os braços,  
A terra e os céus estremecem,  
E os mundos febrís parecem  
Derreter-se nos espaços!

---

E tu nem sequer presumes  
Que então, querida, até creio,  
Sorver, desfeito em perfumes,  
Todo o sangue do teu seio.

Depois que aspiro, anceiado,  
Do teu niveo collo o incenso,  
Minh'alma semelha um lenço  
De viva essencia molhado.

Deixa que a louca se deite  
Nesse torpôr, que extasia,  
E que o vinho do deleite  
Me espume na phantasia ;

Pois não ha opio, ou haschis  
Que me abrilhante as idéas  
Como as fragrancias subtis  
Que fervem nas tuas veias!

---

## A VOZ

Vibra na tua voz, de um perfido atractivo,  
Um rythmo fatal, dissolvente, impressivo,  
Que me acceléra o impulso ao sangue impetuoso,  
E docil ao seu timbre electrico, expressivo,  
Meu ouvido o reflecte, em fremito nervoso.

No som dominador, na imperiosa ternura,  
Exhala sensações funestas; — a loucura,  
A vertigem, a febre; e — estranha phantasia!  
A embriaguez cruel, que affaga, e que tortura,  
Um philtro musical, um vinho de harmonia.

---

Exerce sobre mim um brando despotismo  
Que me orgulha, e me abate ;—e ha nesse magnetismo  
Uma força tamanha, uma electricidade,  
Que me fascina e prende ás bordas de um abysmo,  
Sem que eu tente fugir,—inerte, sem vontade.

Assim como o pendor, facil, accidentado,  
De rocha de crystal, que a lympa tem cavado,  
Presta á onda, que o mina, o voluptuoso dôrso,  
Por onde ella espreguiça o corpo perfumado,  
Indolente, a rolar, sem o minimo esforço,

Não de outro modo, assim, ao som de tua falla,  
Ha um declive doce, extatico, que embala,  
No fundo de minha alma, a tua voz tremente,  
Que em meandros subtís, invisiveis, resvala  
E penetra-lhe o abysmo harmoniosamente.

---

## O LEITO

Mares, de espumeo albor de rendas revestidos!  
Vagas, cheias de aroma, e de torpor fecundas!  
Para a febre lenir, que esvaira-me os sentidos,  
Quero nestes lençóes mergulhal-os, vencidos,  
N'um mar de sensações lethargicas, profundas!

Aqui, de regiões oppostas, climas varios  
Vieram se encontrar, por diversos caminhos,  
Para depôr, fieis, submissos tributarios,  
Os prodigios do gosto, arduos, imaginarios,  
Em perfume, em setins, em sedas, em arminhos.

Despenhada do tecto, em turbilhão se entorna,  
Muda, immovel cascata, a cortina nitente,  
Derramando no ar uma preguiça morna,  
Que os musculos distende e os nervos amadorna,  
Em intima voluptua, estranha, inconsciente.

Repassa, embebe a alcova, em toda a plenitude,  
A emanção subtil, que enleva, que extasia,  
De um corpo virginal e cheio de saúde,  
Grato efflúvio do sangue, em plena juventude,  
Que do olfacto a avidez satura, e não sacia.

Perfumados lençóis! vós sois as brancas tendas,  
Onde, arabes do amor, meus vagos pensamentos  
Nas solidões da noite ouvem estranhas lendas,  
Emquanto sob um céu ennuablado de rendas  
Enerva-me o luar de uns olhos somnolentos!

---

## SULAMITA

Teu labio é fonte, onde em beijos  
Mata a sêde devorante  
A caravana arquejante  
Dos meus cansados desejos.

Que aroma tepido e fino  
Tua voz no timbre assume!  
Si o teu halito é um hymno,  
É tua voz um perfume.

Tua pelle, doce ao tacto,  
É feita de arminho e seda,  
Cuja textura embebeda  
De um gozo fundo, insensato.

Morbida febre fermenta,  
Deliciosa e mortal,  
Da tua coma opulenta  
Na molleza sensual.

E o teu halito fragrante,  
É, como a brisa do outomno,  
Cheio de um sopro enervante,  
Que os membros convida ao somno.

---

## LATET ANGUIS

O som, que tua voz limpida exhala,  
Grato feitiço magico resume:  
A phrase mais vulgar, na tua falla,  
Colorido, matiz, brilhando, assume.

Affaga como a luz; como um perfume  
Pela alma filtra, e se insinúa, e cala,  
E, só de ouvil-a, o espirito presume  
Que um ether, feito de torpor, o embala.

Quando a paixão altera-lhe a frescura,  
Quando o frio desdem lhe tolda o acôrde  
Á viva polidez, vibrante e pura,

Não se lhe nota um fremito discôrde :  
—Apenas do primor, com que fulgura,  
Ás vezes a ironia salta—e morde.

---

## MYSTICISMO

Inspiras-me o sentimento  
Que se lê nas cathedraes  
Que as edades medievaes  
Erguêram ao firmamento.

Fundas raizes no chão  
Estende ; floresce em pedra ;  
Sobe, cresce, avulta, medra,  
Enche, domina a amplidão.

---

E do pensamento escripto  
Na abobada colossal,  
Arqueja o esforço ideal  
Que tende para o infinito.

Depois... a agulha subtil  
Se perde no céu distante,  
Como um grito supplicante...  
—Como um desejo febril!

---

## MINIATURA

Na placidez sombria  
Da penumbra discreta,  
Por uma tenue fenda, estreita, esguia,  
Dardeja uma aurea setta  
O fulgido esplendor do meio-dia.

Um silencio calmoso  
Enche da alcova o tepido ambiente,  
Perfido e carinhoso.

Cahe preguiçosamente  
O immovel cõrtinado,  
Emmoldurando um leito seductor,  
Atrahente, fatal, como um peccado,  
Entornando do branco magnetismo  
Um callido vapor,  
Imperioso como um syllogismo.

Alli é que ella ao som se abandona,  
Velada pelo albor do cortinado,  
Doce, como a madona,  
No seu marmóreo nicho rendilhado.

Nas transparencias vagas do tecido  
Das rendas da cortina,  
Immovel se vislumbra,  
Prostrado, frouxo, languido, abatido  
Pelo calor, um corpo que deslumbra,  
Um corpo que fascina.

O torpor somnolento  
Na aromática pelle setinosa  
Dilúe-lhe uns tons de rosa  
E espasma-o n'um profundo abatimento.

Aljofar perfumado e crystallino,  
Transumpto de enervante embriaguez,  
Cheio de effluvio insinuante e fino,  
Aflora-lhe do rosto alabastrino  
    Á tenra, nivea tez,  
Tão humida e macia, que parece  
    Um fructo do Equador,  
Que deixa reçumar, si o sol o aquece,  
Na polpa externa o rórido calor.

Um fremito, ao de leve,  
Lhe faz arfar o seio delicado,  
    E as linhas lhe descreve  
N'um vago movimento compassado.

Do leito á borda alveja-lhe o contorno  
De marmore rosado dos pés nús,  
E enquanto fóra o murmurio morno  
Morbido o vento abafa nos bambús,

Na placidez sombria  
Da penumbra discreta,  
Por uma tenue fenda, estreita, esguia,  
Dardeja uma aurea setta  
O fulgido esplendor do meio-dia.

## SONETO DE UMA MOÇA POBRE

Eu bem sei que tu és o altivo bardo  
Por quem bate meu seio commovido,  
O nobre cavalheiro, por quem ardo,  
Rico de amor, mas de ouro desprovido.

Eu, cautelosa e timida, si guardo  
Um recato composto e recolhido,  
Si com aspecto frio te acobardo  
O amor afouto, em chammas convertido,

Não é porque não pulse-me apressado  
O sangue é minha mão, presa na tua,  
Quando me sinto tremula a teu lado;

É que me lembro que, a esperar da lua  
O manto para roupa do nòivado,  
Morrerei de pudor, casando... núa.

---

## CARTA

Não sei que afan de ver-te me tortura  
Desde que longe estás de mim, creança!  
Só me alimenta a febre da esperança.  
Tenho no olhar o espasmo da loucura.

De fundo abysmo na espiral escura,  
Que só de imaginal-o a idéa cansa,  
Mergulha-me o desgosto, a dôr me lança,  
Dôr, que só em te ver tivera cura.

Por isso é que ao mandar-te, angustiado,  
Este soneto, de minha alma cheio,  
Comprimo o coração despedaçado

Com a mão palpitante, com receio  
Que em impetos de amor arrebatado  
Me fuja para ti, pelo — correio.

---

## A ESTATUA

Fosse-me dado, em marmor de Carrara,  
N'um arranco de genio e de hardimento,  
Ás linhas do teu corpo o movimento  
Supprimindo, fixar-te a fôrma rara,

Cheio de força, vida e sentimento,  
Surgira-me o ideal da pedra clara,  
E em fundo, eterno arroubo, se prostrára,  
Ante a estatua immortal, meu pensamento.

Do albôr de brandas fórmãs eu vestira  
Teus contornos gentis; eu te cobrira  
Com marmoreo sendal os molles flancos,

E a soffrega avidéz dos meus desejos  
Em mudo turbilhão de immoveis beijos  
As curvas te enrolára em flocos brancos.

---

## SAUDADE

A saudade da amada creatura  
Nutre-nos na alma dolorido gozo,  
Uma ineffavel, intima tortura,  
Um sentimento acérbo e voluptuoso.

Aquelle amor cruel e carinhoso  
Na memoria indelevel nos perdura,  
Como acre aroma absorto na textura  
De um cofre oriental, fino e poroso.

---

— Entranha-se; invetera-se; — de geito  
Que do tempo ao volver, lento e nocivo,  
Resiste; — e ainda mil pedaços feito

O ligneo carcer, que o retém captivo,  
Cada parcella reproduz perfeito  
O mesmo aroma, inalteravel, vivo.

---

## FREMITOS

Si fallas, meu olhar te escuta e fita,  
E meu ouvido as phrases te devora,  
E freme, como o lago que palpita  
Á frescura da brisa, que o desflora.

O carinho de tua mão me agita  
Fibra por fibra; as veias me afervora,  
E os meus sentidos na orvalhada róra  
De uma voluptia extatica, infinita.

A tua pelle fresca e setinosa,  
Toda feita de sandalo e de rosa,  
Provoca os labios, desafia os beijos,

E brilha-me, atravez de um prisma ardente,  
Teu vulto aéreo, artistico, fremente  
Nas vestes ideaes dos meus desejos.

---

## O VENENO

(BAUDELAIRE)

O vinho veste e enfeita a cabana mais nua  
Com pompa milagrosa,  
E faz surgir mais de uma Alhambra fabulosa  
Que em seu vapor fluctua  
Como o sol no poente, em tarde nebulosa.

O opio faz crescer o illimitado; o immenso  
Augmenta; e tem poder  
De eliminar o tempo; e, cavando o prazer,  
De fundo gozo intenso  
Enfunda a alma além do que póde conter.

---

Mas nada disto vale o veneno, que mana  
    Teu olhar, que seduz,  
O lago, aonde a febre os meus sonhos conduz,  
    Freme a caravana  
Que a sêde vae matar nesse abysmo de luz.

Nada ao teu beijo iguala a pressão indizível  
    Que morde, em que me estorço,  
Que afôga-me no olvido a alma, sem remorso,  
    E em deliquio terrível  
Do morno mar da morte a embala sobre o dôrso.

## O SINO

É doce, e ao mesmo tempo amargo, noite afóra,  
Pelo inverno, escutar junto ao fogo, que fuma,  
O lento desfilar das lembranças de outrora,  
Dos sinos ao tanger, que sonorisa a bruma.

Bem haja o sino, pois, de sonora guela,  
Que, apesar da velhice, alerta, vigoroso,  
Alteia fielmente o grito religioso  
Qual velho militar, que sob a tenda vela.

Minh'alma é um sino velho e fendido. Sombrio,  
Si tenta encher com o dóbre o ar das noites frio,  
Muita vez lhe agonisa a fraca, surda voz,

Como o extremo stertor do soldado esquecido  
Sob um lago de sangue, entre mortos, ferido,  
E que, immovel, expira, em rude esforço atroz!

---

## O ESPECTRO

(BAUDELAIRE)

Como espectro agoureiro, hei de, escondido,  
Entrar na tua alcova silenciosa,  
Deslizando sinistro, sem ruido,  
Com as sombras da noite pavorosa.

E a tua branca espadua hei de affagar,  
Como a serpente a pedra de um sepulchro,  
E hei de imprimir-te ao corpo esbelto e pulchro  
Os meus beijos, mais frios que o luar.

Ao repontar a livida alvorada,  
Encontrarás o meu lugar vazio,  
E has de sentil-o abandonado e frio,  
Até surgir a noite, oh minha amada.

Sobre a tua attrahente formosura,  
E a tua bella mocidade em flôr,  
Como os outros, mulher, pela ternura,  
Eu quero dominar pelo terror!

---

## A MUSICA

(BAUDELAIRE)

Sonoro mar, — a musica me envolve,  
E em ether vasto, sob um tecto amargo  
De brumas, a minha alma, feita ao largo,  
Para o meu astro pallido se volve.

Rompe-se a vaga; meus pulmões sussurram,  
Como as vélas, do vento ao rijo açoite;  
Escalo o dôrso ás ondas que se empurram,  
Lactando n'atra cerração da noite.

---

E sinto as commoções, o paroxismo  
De um navio batido da tormenta;  
O tufão me sacode sobre o abysmo  
Que ruge immenso, e louco se lamenta.

N'um silencio cruel, surdo, sombrio,  
Já repousa feroz o mar sanhudo ;  
Profunda reina a calma: — espelho frio  
Do desespero atroz que róe-me agudo.

---

## A FONTE DE SANGUE

(BAUDELAIRE)

Sinto o sangue escapar-me á veia enfebrecida,  
Como fonte fugaz; — harmonico e purpureo,  
Escuto-o soluçar com lyrico murmurio,  
Porém me apalpo em vão; não encontro a ferida.

É-lhe leito a cidade, e nella se despenha;  
Referve, e cada pedra em ilha transfigura;  
E vae matando a sêde a cada creatura,  
Colorindo de rubro as cousas que desenha.

O vinho aguça a vista e apura mais o ouvido :  
Talvez, por isso, em vão, que adormêça, hei pedido  
O meu roaz terror um momento siquer ;

Em vão tambem no amor procuro o esquecimento ;  
Mas o amor, quanto a mim, não é mais que um invento  
Com que nos suga o sangue a sêde da mulher.

---

## MANHÃ DE INVERNO

(BAUDELAIRE)

O inverno é para mim a mais doce estação.  
Como sinto-me bem! — Amortalhando o lago,  
A nevoa, que me envolve a fronte e o coração,  
Se fecha sobre mim, como um tumulto vago.

Nos plainos, que percorre o bulcão frio e torvo,  
E aonde á longa noite os môchos enrouquecem,  
Melhor do que no tempo em que os bosques florecem,  
Minha alma largamente abre as azas de corvo!

---

## D. JUAN NOS INFERNOS

(BAUDELAIRE)

Quando D. Juan desceu ao subterraneo rio,  
E pagou a Charonte o óbolo supremo,  
Antisthenes soberbo, um mendigo sombrio  
Um braço vingador lançou a cada remo.

Como um grande tropel de victimas expostas  
Mulheres mil e mil, ao atro firmamento,  
Erguiam, seios nús, as roupas descompostas,  
Emquanto o heróe passava, um lugubre lamento.

Sganarello, a rir, lhe reclamava as pagas,  
Emquanto D. Luiz, com o dedo, que tremia,  
Mostrava a cada morto errante sobre as plagas—  
O filho, que das cans do velho escarnecia.

A casta e magra Elvira, um ultimo tributo  
Em que do amor primeiro inda provasse o mel,  
Parecia implorar, fremente sob o lucto,  
Ao que lhe fôra amante e marido infiel.

Sob as armas erecto, abrindo o torvo rio,  
Um alto homem de pedra estava ao leme posto;  
— Mas, curvado, fitando a espuma, calmo e frio,  
Não se dignava o heróe siquer voltar o rosto!

---

## NÃO PARTAS

(V. HUGO)

Eu vivo do ar, que respiras;  
E como, dize-me agora,  
Ficar, si tu te retiras,  
Viver, si te vaes embora?

Que me serve ser a sombra  
De um anjo, que surge e passa?  
Ou de um céu, que o lucto assombra,  
A noite pesada e baça?

Eu sou a flôr das muralhas,  
De que abril é o só viver;  
Basta que tu me não valhas,  
Que partas, para eu morrer.

Em ver-te, puz meu cuidado;  
Toda a luz de ti me vem;  
Si ficas, fico a teu lado;  
Si partes, parto tambem.

Si partes, rõe-me a tristeza;  
E aos céus, — ao ninho, medrosa,  
Vôa minha alma — ave presa  
Nos teus dedos côr de rosa.

No tédio negro da ausencia,  
Triste de mim! que serei?  
— E' tua ou minha a existencia  
Que se desfaz? — Não n'ô sei.

Quando me falta a coragem,  
Eu bebo-a no teu affago,  
Bem como a pomba selvagem,  
Nas aguas puras de um lago.

---

O amor ás almas ensina  
Como o universo é bendito,  
E esta chamma pequenina  
Inunda todo o infinito.

Sem ti, a vida é a morte;  
O mundo carcer fechado,  
Onde vago á lei da sorte  
Sem amar, sem ser amado.

Morna tristeza funesta  
Tudo desfolha; meu cilio  
Se enche de sombra; uma festa  
É uma campa; a patria exilio.

Eu te imploro e te reclamo,  
Oh pomba, que de minha alma  
Entôas de ramo em ramo  
Hymno que as dôres me acalma!

Que desejo me convida,  
Que posso temer? — emfim,  
Que farei da própria vida,  
Si já não estás junto a mim?

És tu que levas no vôo,  
Aos céus e aos campos em flôr,  
N'uma aza as preces que entôo,  
N'outra meus hymnos de amor.

Aos tristes campos, que véla  
O lucto de intima dôr,  
Que hei de contar? que da estrella  
Farei? — que farei da flôr?

Que direi á selva umbrosa?  
— E á triste flôr que amanhã  
Interrogar-me chorosa:  
— Onde se foi minha irmã?

---

Morrerei; parte, si o ousas!  
Dias volvidos, porque  
Olhar todas estas cousas,  
Que o seu olhar já não vê?

E que me importam destino,  
Virtude, e lyra sonôra?  
E sem teu riso divino,  
Que me importa o rir da aurora?

Que farei, sem mais desejos,  
Sem ti, sem luz, e sem cantos,  
Sem teus labios, — de meus beijos,  
Sem teus olhos, — de meus prantos?

---

## SPLEEN

Minha alma é um velho arsenal,  
Cheio de armas assassinas;  
Tem a mudez sepulchral  
Que paira sobre as ruínas.

Das paredes denegridas,  
Da mão do tempo gretadas,  
Pendem funebres espadas  
Pela ferrugem comidas.

Ha punhaes de gumes tredos,  
Cuja lamina sinistra  
Rapida morte ministra  
A quem lhe perpassa os dedos.

Sobre os ladrilhos sombrios  
Rolam farrapos poentos,  
Que pelas malhas dos fios  
Mostram vestigios sangrentos.

Neste recinto funereo  
Não entra o rumor diurno:  
O seu aspecto soturno  
Lembra a paz de um cemiterio.

Mas, como um monge piedoso,  
Lento, grave, a passo incerto,  
Cheio de horror religioso  
Percorre um claustro deserto,

Tambem eu, mudo, contemplo,  
Concentrado e recolhido,  
As solidões do meu templo  
Todo em ruinas cahido.

E de as vêr,—de um vago immenso  
Desola-me o peso atroz,  
Como um mar profundo, extenso,  
Que, n'um silencio feroz,

Cerca-me surdo e sombrio,  
E após, refluindo ao largo,  
Só me deixa ao labio frio  
Vestigios do lodo amargo.

---

**II**

**REVOLTA**

## A CRUZ

(A JULIO DE CASTILHOS)

Tu, que prendeste um dia os braços de Jesus,  
Quando nelles quiz ter a humanidade erguida,  
Has de cahir prostrada, exanime, abatida.  
— Já lambe-te o pedal a devorante luz.

A força, que ao porvir o Grande-Ser conduz,  
A implacavel sciencia, a eterna deicida,  
Vertendo nova seiva á arvore da vida,  
Arrancou-lhe a raiz de onde surgiste, oh cruz!

O pensamento audaz, esquadrinhando os mundos,  
Calcinou, sulco a sulco, os germens infecundos  
Da divina semente, esteril e vazia.

Podes deixar cair, desanimada, os braços!  
— Já não existe um Deus, que veja dos espaços  
Teu gesto de terror, de supplica sombria!

---

## O SECULO CAMINHA

(A ASSIS BRAZIL)

O seculo é pujante, heroico, inexoravel.  
— Navio, que enristou a quilha incontrastavel  
Ás praias do porvir, lá vae talhando o mar.  
Espadana-lhe em vão as bavas hediondas  
O inutil preconceito; em balde em crespas ondas  
Forceja por tolher-lhe o impavido marchar.

Quebrando á vaga rude a colera, que espuma,  
A — Idéa, o nauta audaz, atira-lhe, uma a uma,  
As tradições do sceptro e da thiara as leis;  
Rôta — cahe do passado a tragica bandeira;  
E de envolta com ella a triumphal esteira  
Submerge avidamente as purpuras dos reis.

Rasga affeito ao futuro as fundas nevoas densas  
O alento vingador, viril, das novas crenças,  
Que ruge solto, livre, indomito e fatal.  
Oh despotas crueis ! oh Cezares ! é tarde !  
Dobrae o regio manto orgiaco e cobarde !  
É tempo ! Adormecei no olvido sepulchral !

Consolae-vos !—Não mais os vossos membros rôtos  
Filtrarão sangue vil da historia nos esgotos  
Aos gritos infernaes das ebrias multidões !  
— No pólo social a estrella do direito  
Ergueu-se, ha muito já. No mortuario leito  
Repousae. Já não ha corôas, nem brazões !

O seculo caminha. Os cadafalsos velhos  
Ruíram. Das nações os varios evangelhos  
Rasga-os, folha por folha, a garra de Satan ;  
E os livros feitos pó, virá uma só crença,  
E unidos se verão n'uma harmonia immensa  
Os crentes de Jesus, de Buddha e do Koran.

---

## A SOMBRA DO SCEPTRO

(A ALCIDES LIMA)

O rei dorme tranquillo. A engrenagem do fisco  
Funciona muito bem, sem perda de um momento,  
E o suor popular, sem o minimo risco,  
Escorre-lhe atravez, cahindo no orçamento.

Devoram-n'o com ancia os avidos tentaculos  
Do polvo colossal do aulico cortejo,  
E não faltam, de certo, orgias, espectaculos,  
Que saciem-lhe o cancro ao roedor desejo.

A lei é pelo rei: e, pois, cavar aos pobres  
A fome na barriga, é justo, não é crime.  
Não podem-n'o inquietar as espinhas dos nobres,  
Pois sempre as encontrou flexiveis como o vime.

E, pois, póde dormir. Mas eis que a lingua muda  
Lhe contrae um torpor pesado, inerte, atroz,  
Assim como a quem sente alguma dôr aguda:  
— Quando a agonia é funda o labio não tem voz.

Afflicto o coração precipite lhe pula;  
Poreja-lhe o suor á raiz do cabello;  
Um gelido terror esfria lhe a medúla;  
— Elle flecta na sombra um negro pesadello.

A pino as cans, batendo os dentes, ancioso,  
Livido, salta o rei do leito. Sobre o chão  
Treme a sombra do sceptro. Estridulo, nervoso,  
Rebenta-lhe na bocca um riso de poltrão.

Oh rei, não deves rir! Deves temer o espectro  
Que perturba-te a paz á tua omnipotencia:  
— Avulta mais e mais a sombra do teu sceptro,  
Á medida que augmenta a luz na Consciencia.

---

## A TRISTEZA DO PRINCIPE

(A AUGUSTO DE LIMA)

Nos coxins de um divan, fôfo, macio,  
Immersa a fronte pensativa e larga,  
Jaz o principe, pallido, sombrio,  
Presa infeliz de uma tristeza amarga.

Rouco soluço o respirar lhe embarga...  
— Ousára o mar sorver o seu navio  
Que dos productos do seu patrio rio  
Vinha — trazer-lhe a preciosa carga?

Morreu-lhe a amante? o amigo? algum parente?  
Perdera a sua ilha do Oriente,  
Onde abunda o coral, brota a saphyra?

Nada disto se deu. Nada! — Sómente  
O príncipe, coitado! descobrira  
Que o seu galgo gentil quebrára um dente.

---

## PROPHECIA

(A RAYMUNDO CORREIA)

Eu não sou dos que vão, com a fronte envilecida,  
Dos palacios reaes açoitar os tapetes,  
Onde, em vinho, o suor do povo nos banquetes  
Provoca á embriaguez frenetica alarida;

Onde as flôres gentís das estufas dos paços  
Mostram no collo infame os prantos da indigencia  
Rorejando em rubins, que os satyros devassos  
Devoram com olhar de lubrica insolencia;

Onde os vís cortezãos, renegados do povo,  
Tecem de baixa intriga o difficil manejo,  
Buscando saciar cada appetite novo  
Á panthera feroz do imperial desejo;

E ao favor espalmando as largas mãos rapaces,  
Procuram resolver na rígida cabeça  
O problema sagáz de apresentar as faces  
Para que a mão do rei lhes chegue mais depressa.

Eu sou da multidão: por isso, quando scismo,  
Ao vél-a deslisar, tranquillã, indifferente,  
Que a suppõe arrastar na onda o despotismo  
Como um tronco sem vida á tona da corrente,

Um sorriso de mófa o labio me illumina,  
Pois sei que a indignação no peito lhe borbulha,  
Pois que presinto já que as velhas crenças mina  
O escarneo popular como intima fagulha.

Presinto que a Revolta, aziágo meteóro,  
Com um nucleo sangrento, ha de brilhar, de geito  
Que o rodar dos canhões no macadam sonoro  
Atêe em cada pedra a lava do direito.

Mil relampagos de aço hão de inflammar a rua;  
Cada mão brandirá, como um raio, uma lança;  
E ha de se erguer valente a populaça núa,  
Rugindo em cada boca um grito de vingança.

E, monstro enorme, ha de ir sobre mil pés marchando  
Por santo enthusiasmo erriçado o cabelo,  
Retinindo os clarins, os tambores rufando,  
Abalroar com o peito o imperial castello.

E o tufão popular, n'um vortice de brazas,  
Bramindo com fragor, com tetrica aspereza,  
Como um incendio enorme, ha de varrer nas azas  
Do sólo americano o throno e a realeza.

E então vereis, Senhor, si a mente bem me alcança,  
Que estes filhos do povo, heroicos e clementes,  
Para não deshonrar com o sangue de Bragança  
A terra que bebeu o sangue a Tiradentes,

Nem aviltar a forca, o pedestal ovante,  
Onde brilha melhor dos martyres a gloria,  
Para não imprimir uma nodoa infamante,  
Como fazem os reis, ás paginas da historia,

Vereis que vos darão um exemplo sublime!  
— A vós, que lhes cingis ao livre pulso o ferro,  
Hão de vos apontar, vos perdoando o crime,  
Em vez do cadafalso, a senda do desterro.

---

Á MORTE DE UM BRAVO

Não perturbem-lhe o somno: o heróe descansa!  
— Dos louros do triumpho coroada,  
Pende-lhe ao punho inerte a invicta lança,  
Dos combates ainda embriagada!  
Tinham uma só alma o ferro e o braço,  
Que em prol da liberdade pelejavam!  
Era de encontro áquella ponta de aço  
Que barbaras phalanges atrevidas,  
Rugindo horrendamente se quebravam  
Desfeitas e vencidas.

Sinistro meteóro, ao campo inteiro  
Vertia a lança tremulo, agoureiro,  
Rubro clarão na turbida batalha!  
Roncava assidua a rabida metralha;  
Roucos rufavam trepidos tambores;  
Da Morte o espectro pallido guiava  
Um cortejo de lividos terrores;  
Subia o fumo em vortices ardentes;  
E em corregos crueis espadanava  
O sangue dos valentes.

Todo o solo erriçava-se de espadas;  
Voavam pelos ares mil bandeiras,  
Como famintas aguias carniceiras;  
E o heróe corria á frente das brigadas.  
Seu fervido corcel, com furia insana,  
Prostrava ás patas a muralha humana,  
Que se lhe oppunha ao passo da victoria.  
Todo um povo, em mudez, colhia o alento,  
Para escutar nos impetos do vento,  
Mais um hymno de gloria.

Não mais o acordareis, clarins de guerra!  
 Hoje, esse mesmo povo se debruça  
 Por sobre um morto, e pallido soluça :  
 O forte luctador tombou por terra !  
 Bem como um tronco valido, orgulhoso,  
 Ruindo, a selva em torno abala, agita,  
 Elle deixou, no baqueiar ruidoso,  
 O imperio vacillante, a patria afflicta :  
 — É que lhes falta o apoio generoso  
     De sua lança invicta.

De tua paz no abysmo, heróe, descança,  
 Apertando na mão inerte a lança,  
 Em que o fado da patria está seguro!  
 Si o destino turbar-nos o futuro,  
 Teu espectro no tumulo se anime!  
 Da tua espada herculea, vigorosa,  
 Resvale o duro peso que te opprime !  
 — E aos longos gritos de afflicção do povo  
 Resurja a tua lança, ébria de glorias,  
 Como um pharol, para o guiar de novo,  
     No trilho das victorias!

## UMA BATALHA

(LECONTE DE LISLE)

Com selvagem clamor, erguido por mil bocas,  
Os ébrios esquadrões, rôtos pela metralha,  
Ruíram, arquejando, á horrída batalha,  
Como sanhudo o mar de encontro as penhas roucas

Ao largo sol, da aurora á noite, infatigaveis,  
O chão profuado aos pés cavaram, revolvêram;  
Muros de homens, lançando as linhas formidaveis,  
Sobre o sólo, aos montões tombando, se estendêram

Peito a peito, vibrante o olhar, que o odio atíça,  
Estreitaram-se após, em impetos ferozes ;  
O ferro se farteou de sangue e de carniça ;  
O cerebro espirrou sob as maçãs atrozes.

Cavalleiros, peões, vencedores, vencidos,  
Eil-os, lividos já, terriveis e calados ;  
Torvo, medonho o olhar ; dentes, punhos cerrados ;  
Na furiosa morte, aos centos, estendidos.

Lavando-lhes da face o pallor, o chuveiro  
Nos sulcos do terreno em corregos murmura,  
E pelo mésto plaino um bando carniceiro  
De aves crueis, no ar, destaca a massa escura.

Nem mais um grito. O ai derradeiro se extingue.  
Sobre os campos, de carne e ruina juncados,  
Do dia ao raio extremo apenas se distingue  
A vaga contorsão dos corpos enlaçados.

Longe, em meio ao pavor desse quadro cruento,  
O rôto collo, a custo, um corcel equilibra,  
E atravez da mudez nocturna corre e vibra  
O rouco e triste adeus que elle relincha ao vento.

Oh gloria de matar, cruel, brutal, ferina !  
De sangue, oh sêde atroz que não ha lei que dôme!  
Sede malditas vós, das victimas em nome,  
Ante o estúpido horror desta carnificina !

Mas, si ao sol, ou na hora em que a tréva fluctua,  
Com o peito abalroando a boca do canhão,  
Succumbiram por ti, oh Liberdade! — então,  
Fume bemdicto e puro o sangue em gloria tua!

---

## INTERROGAÇÕES

(HEINE)

Juncto ao deserto mar nocturno, que murmura,  
Um moço está de pé; e cheio de amargura,  
Com lagrimas na voz, e a duvida no peito,  
Brada, fictando o mar em vagalhões desfeito:

« Explicae-me, explicae-me o mysterio da vida!  
O antigo enigma atroz, que atormenta e trucida,  
Ha tanto tempo já, tantas cabeças alvas,  
Cabeças juvenis, velhas cabeças calvas,  
Umaz trazendo a mitra e outras a corôa?  
A duvida cruel, que funda me fragôa,  
Nada a póde apagar na creação immensa?  
Nada palpita além da abobada suspensa,  
Onde fulge polido o páramo estrellado? »

E enquanto o longo mar, monotono e pausado,  
Sobre a pallida areia, em roucos murmurios,  
Quebra na ruiva praia a espuma em rôlos frios,  
E o vento surdo arrasta a nevoa indifferente,  
E a estrella muda verte o inquieto brilho ardente,  
— O louco, contemplando a desdenhosa onda,  
Espera alguma voz, que o ouça e lhe responda.

---

---

O DILUVIO

(*Episodio do Asvhero de Quinet*)

O PADRE ETERNO *ao oceano*

Como phrase incorrecta  
No meu soberbo livro mal escripta,  
Vae apagar a terra, a nodoa abjecta  
Que ultraja a creação bella, infinita.

O OCEANO

Corro a cumprir teu mando irrevogavel.  
— No vertice do mundo já não resta  
Mais que a torre de um rei, que se inebria  
    N'uma ruidosa festa.  
Meu diluvio fatal, inexoravel,  
    Em menos de uma hora,  
Ha de colhel-o, no fervor da orgia,  
    Sob a onda invasora.

O REI, *à mesa, rodeado de seus príncipes*

Como um lago, o dilúvio abrange, alaga,  
A humilhada planura;  
Mas ponha embora vaga sobre vaga,  
Não roçará jámais a excelsa altura  
Dos meus passos altivos.  
Cubra, esborôe o tecto dos captivos;  
Embora ruja o oceano furioso;  
Os meus guardas fieis hão de impedil-o  
De devassar-me ao paço poderoso  
O vedado sigillo.

PRIMEIRO SATRAPA

Si elle viesse, rei dos reis, seria  
Para lamber-te os pés.

SEGUNDO SATRAPA

Ou trazer-te, talvez,  
Um diadema das perolas, que cria.

## O REI

Á minha mesa sentados,  
Mil reis estão reunidos,  
De ouro e purpura vestidos,  
De luxò e luz fascinados.

E para o gozo profundo  
Destas fronte coroadas,  
Todas as pompas do mundo  
Subiram minhas escadas.

Cem dromedarios forçosos  
Trouxeram sobre o seu dôrso,  
Curvados a tanto esforço,  
Os vinhos mais generosos.

Por cem camellos possantes  
Foram de longe trazidos  
Manjares appetecidos  
De aromas sobreexcitantes.

Tudo é esplendido e bello  
Neste festim de alegrias!  
O vinho, havemos bebêl-o,  
E comer as iguarias.

Antes que a aurora doirado  
Tenha os vastos céus azues,  
Os astros terão findado  
O seu banquete de luz.

E o mar, na amplidão sombria,  
Immerso n'um somno vago,  
Terá da taça vazia  
Sorvido o ultimo trago.

Só para nós, os monarchas,  
Vencendo os tempos fataes,  
As vidas de patriarchas  
Não se acabarão jámais.

Silencio! que ruido  
Escuto, como a onda  
Que, n'um penedo erguido  
Abalroando, estronda?

PRIMEIRO SATRAPA

É o gemer funereo,  
Oh rei! da plebe vil, que se lamenta.

O REI

O ruido avulta, augmenta...

SEGUNDO SATRAPA

Senhor! é o soluçar do teu imperio.

O REI

Recomecemos, pois, em côro, o canto  
Até a meia noite. A chuva densa  
Em torrentes sussurra. Brillam raios.  
Como um navio rôto, que naufraga,

Vem o mundo, debaixo de meus olhos,  
Despedaçar-se para dar-me gosto.  
O universo, ao morrer, me não merece  
Dos meus labios de rei mais que um sorriso.

Oceano, mar longinquo! has já contado  
Os infindos degrãos do meu palacio?  
Ha mais de cem, de marmore e de bronze.  
Pobre creança, que o furor desvaira,  
Não resvalem teus pés nos meus ladrilhos!  
Cuidado! não os manches com a saliva!  
Inda antes que insensata a meio os vingues,  
Has de esconder-te sob o véu de espumas,  
E envergonhado, timido, arquejante,  
Fugirás, murmurando : — eis-me sem forças!

Os abutres do mar de ti recúam;  
Sobem de rastos o rochedo agudo  
Onde o ninho cavaram; — tentam, loucos,  
Abrigar, proteger, com o peito arfado,  
Dos teus ataques, — a ninhada implume.  
O olhar em chamma, as plumas erriçadas,

Mettem, movendo o bico e as duras azas,  
Terror ás tuas vagas. Tu, persegue  
Os abutres do mar, si tens o intento  
De roubar-lhes ao ninho palpitante  
A prole, em que a pennugem mal desponta.

Aqui, na minha torre, ninho de aguias,  
Como has de, sobrepondo vaga a vaga,  
Sem vertigem, subir a tanta altura?  
Deste festim esplendido, soberbo,  
Condescendo em lançar-te uma migalha:  
— Desvia-te; prosegue o teu caminho.

PRIMEIRO SATRAPA

Batem á porta.

O REI

Acudi-me!

SEGUNDO SATRAPA

É o teu herdeiro. Já  
Não te conheço.

O REI

Quem está?

O OCEANO

Não ouvís? Abri-me ! abri-me!

O REI

Socorro! Oceano terrível,  
De espumas cheio, invencível,  
Porque me bates á porta?  
O que buscas? a que vens?  
Queres meu manto? Ahi tens.

O OCEANO

O teu manto, que me importa?  
Elle é pequeno de mais  
Para os meus hombros reaes.

O REI

Si tu queres beber em taça de ouro  
Um vinho que embriaga,  
Eis a minha; eu t'a dou; vale um thesouro;  
Lanço-a na tua vaga.

## O OCEANO

Não póde a tua taça, rei, lenir-me  
A sêde; a tua offerta é para rir-me.

## O REI

Queres minha corôa fulgurante?  
Eu a deponho em tua fronte tumida.

## O OCEANO

Eu prefiro da vaga a poeira humida  
Para cingir-me a fronte triumphante.

**Mas** quero ao teu festim, onde o luxo pompeia,  
Sentar-me. Vae reinar sobre os meus grãos de areia.  
Um passo mais, e estou no throno, no teu posto.  
Eis-me sobre elle já. Como sinto-me a gosto!  
Boia um floco de espuma onde existiu um mundo.  
Quero tambem sentir, no coração profundo,  
As commoções de um rei; sobrepôr á thiara,  
Ao sceptro, aos vasos de ouro, a minha mão avára,  
E com elles brincar, e lamber voluptuoso,  
Esgotando uma a uma as sensações do gozo,

---

As taças do festim, que embriaguez distillam.  
Este vinho allucina. As vagas, que vacillam,  
São subditos fieis, que em torno me cortejam,  
Curvam-se até o chão, e a terra humildes beijam.  
Vamos! dobrae a fronte em signal de respeito!  
Agora, quero ouvir romper do vosso peito  
Um côro colossal de gritos e gemidos!  
Silencio agora! Vêde! Os meus rios, sem raias,  
Com as vagas esmagando os pampanos das praias,  
São os meus escanções. — O gozo me inebria!  
Tudo se ha de dobrar á minha phantasia!  
Mugidoras Babeis levanto: e uma por uma  
Derribo, a bel-prazer, suas torres de espuma,  
De meu peito feroz ao minimo palpíte.  
O meu reino não tem nem praia, nem limite.  
Meu coração não céde ás flechas inaplumadas.  
Oxydam-se em meu seio as lucidas espadas.  
Si uma nodoa me ultraja, a minha propria vaga,  
Revôlta, murmurando, a mancha vil apaga.  
Nada em mim deixa um rastro;—excepto que não seja  
O meu manto em que o sol, mirando-se, flammeja!

## O RIO E O VENTO

(A PEREIRA DA COSTA)

Muitas vezes se vê, sobre os rios do Norte,  
Na quadra em que o calor abafa mais ardente,  
Horrisono tufão rugir, sanhudo e forte,  
Em direcção contraria á indomita corrente.

Freneticos pegões, com impavidos roncós,  
Arrancados com furia ás validas entranhas,  
No impetuoso correr lascam os velhos troncos,  
E fazem desabar as pedras das montanhas.

De encontro ás aguas rúe a turbida descarga,  
E em brusco assalto ferve, e remoinha e brama;  
— Sem cólera, encrespando a superfície larga,  
Atravez da floresta o rio se derrama.

Como um athleta o vento, em porfiado esforço,  
Cava a humida arena ; — o rio, que se empóla,  
Sob a affronta erriçando o magestoso dôrso,  
Com lento passo igual a rude massa róla.

Apenas, nesse dôrso herculeo, que fumega,  
Brincam da espuma errante os fervidos matizes,  
E elle vae fecundando as regiões, que rega,  
Nutrindo e avigorando as soffregas raizes.

---

Ideal! ideal! tu és como esse rio!  
— Sem ouvir o clamor dos sceptros, das thiáras,  
Com grave placidez, imperturbavel, frio,  
Vaes rolando em triumpho as tuas ondas claras.

Embalde sobre ti a bava dos insultos  
O preconceito cospe, e golpeja a insolencia:  
— Vaes nutrindo de amor os corações incultos,  
Fecundando o dever em cada consciencia.

Fatigando ao passado a resistencia, a furia,  
Marchas para o futuro inalteravelmente;  
Não te póde sustar a força, nem a injuria:  
— O tufão não suspende aos rios a corrente!

FIM.

---

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS.-RIO DE JANEIRO.

---